

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Roraima

Class.: 36

Data: maio 1983

Pg.: _____

Makuxí e Wapixana consolidam unidade

A união é como um feixe de varas, que ninguém consegue quebrar. Essa comparação é antiga, mas ilustra um sentimento novo que está brotando da conscientização que nasceu a partir da violência dos fazendeiros contra os índios **Makuxí e Wapixana**, que habitam entre os rios Cotingo, Maú, Quinô, Tacatu, Surumu, Parimé e Uraricoera, no Território de Roraima.

Os índios desta região estão se organizando. Os tuxauas realizam reuniões periódicas em todas as malocas. Conselhos comunitários foram criados nas comunidades para que os problemas possam ser resolvidos em conjunto. E há também novas formas de organização permanente, que visam à mobilização de várias comunidades, para resolver problemas comuns e enfrentar os casos de violência, por parte dos fazendeiros, que são bastante comuns.

Todas as terras dos **Makuxí** são ocupadas pelo gado dos fazendeiros, que destrói suas roças, cria confusões e atritos. A Funai sempre promete demarcar as terras, mas nunca faz o que promete e, enquanto isso, os fazendeiros vão ocupando áreas cada vez mais extensas, fazendo casas, currais, cercados e aumentando o gado.

Na região da maloca de Maturuca - próxima ao rio

Maú - também havia problema de invasão de gado, mas os índios não a aceitaram passivamente: destruíram um cercado que o fazendeiro Barroso, da fazenda Tipiti, havia mandado construir na área indígena. As reações dos fazendeiros não tardaram. O fazendeiro Batista, por exemplo, queimou casas de alguns **Makuxí** que moram na região do Xiriqui.

Na maloca do Mudubim, o vaqueiro conhecido por Coivara, que trabalha na fazenda Fortaleza, queimou uma casa dos índios, tentando assim expulsá-los da região. O caso foi denunciado à Funai, mas o advogado do órgão, Raimundo Nonato, fez um acordo com os fazendeiros, enganando os índios. Devido a esse acordo, os moradores do Mudubim agora estão proibidos de plantar nas terras que o fazendeiro João Alves diz serem suas.

Denúncias de violências já fazem parte da rotina em toda a área. Há o caso de um índio, chamado Robi, que trabalhou para o fazendeiro Reinaldo e não recebeu nada. Como Robi foi comprar num comércio na conta do fazendeiro, para dessa forma receber a dívida, Reinaldo torturou o menino, prendendo-o a um cavalo que corria, e ainda atirou quando ele tentou fugir. O caso foi levado à Funai, mas, conforme denúncia do

tuxaua Francisco Sabino de Souza, "tudo acabou em nada".

Violências contra índios se repetem em todo o Território de Roraima, sem que nenhuma providência legal seja tomada pela Funai ou pelas demais autoridades que são procuradas. No entanto, quando os índios se organizam para tentar defender-se, como aconteceu recentemente na maloca de Camararém, onde os índios expulsaram um fazendeiro, a Funai, o Exército e a Polícia chegaram sem demora em defesa do latifundiário. Quando os índios são torturados, suas roças destruídas, suas mulheres violentadas ou suas casas queimadas, nenhuma autoridade se mexe.

Por saberem que existe uma lei para o índio e outra para seus espoliadores é que os povos indígenas de Roraima vêm se organizando para enfrentar juntos os problemas. Em janeiro último, tuxauas **Makuxí, Wapixana** e Taurepang, procedentes de 73 diferentes malocas, realizaram uma assembléia em Surumu. O resultado do encontro pode ser resumido numa cena: o tuxaua de Maturuca levou para a frente um feixe de varas e, com poucos gestos, mostrou a todos os "parentes" que, só unidos, conseguirão resistir às perseguições e vencer as dificuldades.